

NINA KOZIOLEK

**FICÇÕES DIÁRIAS:
ADAPTANDO A LITERATURA PARA OS
JORNAIS**

Viçosa –MG

Departamento de Comunicação Social/Jornalismo - UFV

Fevereiro de 2014

NINA KOZIOLEK

FICÇÕES DIÁRIAS: ADAPTANDO A LITERATURA PARA OS JORNAIS

Projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Laene Mucci Daniel

Viçosa –MG
Departamento de Comunicação Social/Jornalismo - UFV
Fevereiro de 2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por todo o amor e carinho e por terem me dado apoio incondicional, sempre me guiando por todos os caminhos.

Ao meu irmão, pelo companheirismo e amizade.

Aos meus avós, tios, primos e toda a família por estarem sempre ao meu lado, proporcionando momentos felizes.

Às meninas do 501 e agregados, por mostrarem que a convivência de pessoas totalmente diferentes pode dar certo.

À Laene, minha orientadora, pela paciência e dedicação.

Aos membros da banca avaliadora.

Aos que me auxiliaram na produção do projeto.

Aos amigos, tanto os daqui como de lá.

Aos escritores Albert Camus, Fiódor Dostoiévski, F. Scott Fitzgerald, Franz Kafka e Machado de Assis, que me inspiraram a fazer este trabalho com suas obras literárias. Espero não tê-los ofendido.

Basta abrir os jornais para saber que entre nós ocorrem coisas extraordinárias todos os dias.

Gabriel Garcia Marquez

RESUMO

O jornal *Ficções Diárias* é um projeto experimental produzido como Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social com habilitação em jornalismo, pela Universidade Federal de Viçosa. A proposta do jornal é transformar obras da literatura em notícia, sendo elas: *Crime e Castigo*, de Fiódor Dostoiévski; *A Peste*, de Albert Camus; *O Processo*, de Franz Kafka; *O Grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. O critério para escolha se baseou no fato de estes serem clássicos e se encaixarem em editoriais (Polícia, Saúde, Política, Sociedade e Ciência). Este memorial apresenta a fundamentação teórica do projeto; trazendo a relação entre os gêneros literário e jornalístico, a literatura como reflexo e o espaço da ficção nos jornais. Além também de um relatório técnico detalhando as etapas de produção do projeto.

PALAVRAS-CHAVE

Jornal experimental; Jornalismo; Literatura

ABSTRACT

The newspaper *Ficções Diárias* is a experimental Project produced as a final work of the Course Social Communication in Journalism, Universidade Federal de Viçosa. The proposal of this newspaper is transform literary works in news, being: *The Plague*, by Albert Camus; *The Trial*, by Franz Kafka; *The Great Gatsby*, by F. Scott Fitzgerald and *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, by Machado de Assis. The criterion to choose was based in the fact that they are classics and fit in editorials (Police, Health, Science, Politics and Society). This memorial presents the theoretical foundation; bringing the relation between literature and journalism, the literature as a reflection and the fictional space on newspapers. In addition, also a technical report detailing the stages of the project.

KEYWORDS

Experimental Journal; Journalism; Literature



JORNALISMO | UFV

Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Projeto experimental intitulado *Ficções diárias: adaptando a literatura para os jornais*, de autoria da estudante Nina Koziolk, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Ms. Laene Mucci Daniel - Orientadora
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Profa. Dra. Mariana Lopes Bretas
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Prof. Dr. Ernane Corrêa Rabelo
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Viçosa, 11 de Fevereiro de 2014

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
1.2 Objetivos.....	9
1.3 Justificativa.....	10
2.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:	
2.1 A relação entre o jornalismo e a literatura.....	10
2.2 A literatura como reflexo.....	14
2.3 A ficção no jornalismo.....	16
3. RELATÓRIO TÉCNICO	
3.1 Pré-Produção.....	17
3.2 Critérios dos livros escolhidos.....	18
3.3 Divisão por editorias.....	19
3.4 Livros que compõem o projeto	
3.4.1. A peste.....	19
3.4.2. O processo.....	21
3.4.3 Crime e castigo.....	22
3.4.4. Memórias póstumas de Brás Cubas.....	23
3.4.5 O grande gatsby.....	24
3.5 Produção.....	25
3.6 Pós produção.....	26
4. CRONOGRAMA.....	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28

1. INTRODUÇÃO

O ato da escrita pode ser englobado em diversos gêneros, conforme a função, as características, o canal e a quem se direciona. Entre esses, estão o jornalístico e o literário, que apesar de possuírem suas devidas diferenças, entrelaçam-se em diversas formas, trazendo benefícios para ambos, como afirmam Castro e Silva & Galeno (2002, p.9): “Ninguém duvida, por exemplo, que as técnicas de narração presentes no interior do campo literário possam ressaltar, ilustrar e fortalecer o texto jornalístico, assim como as técnicas do jornalismo têm subsidiado cada vez mais a literatura”.

O jornalismo é produto de apuração e investigação e visa relatar acontecimentos da maneira mais verossímil possível. Quando lemos uma notícia, esperamos que ela contenha credibilidade. Mazini (2012) coloca o jornalismo como o testemunho do real, onde ao mesmo tempo em que o fixa, também tenta compreendê-lo.

O gênero literário passeia pela realidade, mas recria-a à sua maneira. De acordo com Mazini (2012), ele é um território de devaneio fantasioso e atinge a dimensão subjetiva e a atividade imaginativa humana. Do ponto de vista do leitor, textos literários e jornalísticos se fazem de expectativas. Marques (2009) estabelece que quando alguém lê um texto jornalístico tem a expectativa de que ele será comprovável, verificável. Já diante de uma obra literária, ele está ciente do pacto proposto pelo autor de que “qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência”.

Sendo assim,

apesar das diferenças na base conceitual entre os campos da literatura e do jornalismo, há um, ou o principal, elemento que os converge, a narrativa. Produzir textos que dispõem uma sequência de eventos que ocorrem num tempo e espaço determinado com participação de personagens, é algo que recai tanto sobre a prática literária quanto à jornalística. Além disso, lembra Bulhões, é importante não perder de vista que a narratividade está intimamente vinculada à necessidade humana de conhecimento e revelação do mundo ou da realidade. A diferença é que, na literatura, a busca por esse conhecimento se dá, principalmente, por via imaginativa e alegórica, já o jornalismo por meio de uma suposta “verdade” objetiva e testemunhal. (MAZINI, 2012, p.8)

Não se pode precisar com exatidão quando o jornalismo começou a se mesclar com a literatura e vice-versa. Em vários momentos da história houve aproximações, tanto da parte de um, como da parte de outro. Entretanto, foi nos anos 60 que essa união

ganhou novos contornos, com o *New Journalism*, idealizado por nomes como Tom Wolfe e Gay Talese.

Do lato da literatura também ocorreu uma aproximação. Como afirma Mazini (2012), a ficção brasileira, por volta dos anos 90, teve uma intensificação da contaminação de fatos e acontecimentos reais, até pautando-se pela agenda do jornalismo.

Com essa percepção de que a ficção no jornalismo poderia ter um público, vários sites, revistas e jornais começaram a criar produtos que atendessem a essa parcela dos leitores:

Desse modo, o mercado editorial, percebendo essa tendência, lançou novas revistas com espaço garantido para o jornalismo literário, como a *Brasileiros* e a *Piauí*; a Companhia das Letras ofereceu aos leitores a coleção “Jornalismo Literário”, publicando livros de John Hersey, Gay Talese, Truman Capote, Tom Wolfe, Lilian Ross, Joel Silveira, entre outros. (MARQUES, 2009, p. 12)

Tendo em vista as variadas formas de se relacionar o jornalismo e a literatura, esse projeto experimental visa criar um jornal com notícias baseadas em enredos de livros fictícios, reforçando assim os laços existentes entre os dois gêneros. Cinco livros, de diferentes escritores e temáticas, foram transformados em cinco notícias.

As notícias do jornal experimental seguirão os moldes dos manuais de redação jornalística, respondendo as perguntas “O quê?”, “Quando?”, “Onde?” e “Como?” e obedecendo às estruturas tradicionais. Todas as histórias saídas dos livros tem caráter noticiável e poderiam, talvez, ser facilmente confundidas com notícias da vida real. Os escolhidos para o projeto são considerados clássicos por estudiosos da literatura e possuem grande importância cultural.

Como uma forma de confluir as duas áreas, jornalismo e literatura, busco tornar aquilo que foi eternizado nas páginas de um livro em linhas que poderiam ser lidas ao abrir um jornal diário.

1.2 Justificativa

O projeto de um jornal com notícias baseadas em livros busca chamar a atenção de uma forma inovadora e criativa para os livros clássicos. Dada a importância da leitura na formação cultural de jovens e adultos, o projeto tem o papel de incentivá-la, de modo

a fazer o leitor procurar por aqueles livros. Com esse projeto, quero ajudar a popularizar os livros escolhidos e também estimular a leitura de outros.

O projeto também se justifica pela pouca exploração dessa temática, a transformação da literatura em notícia. Há, entretanto, veículos que transmitem a ficção como verdade, como o *Sensacionalista* e a *Revista Piauí*.

Por fim, também há uma motivação pessoal, já que a leitura tem me acompanhado pela vida inteira e os livros que estão em estudo no projeto foram marcantes para mim.

1.3 Objetivos

1.3.1 Geral

Divulgar clássicos da literatura e estimular sua leitura, a partir das matérias produzidas no jornal

1.3.2. Específico

- Praticar a capacidade de síntese jornalística ao transformar em notícias as narrativas literárias;
- Aperfeiçoar a habilidade em produzir notícias;
- Pensar a relação existente entre literatura e jornalismo;
- Treinar conhecimentos gráficos diversos na diagramação;
- Experimentar uma nova forma de se fazer jornalismo, baseada na ficção;
- Identificar fatos noticiosos nos clássicos da literatura;

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A RELAÇÃO ENTRE O JORNALISMO E A LITERATURA

A palavra é a ferramenta utilizada tanto para o jornalismo, como para a literatura. Apesar de serem gêneros distintos e com muitas peculiaridades, existem semelhanças inegáveis. Ambos objetivam narrar algo, seja ele real ou ficcional. De acordo com Lima (2004, p.):

(...) o jornalismo impresso e a literatura aproximam-se, intersec-tam-se, afastam-se, em particular desde a etapa histórica em que a im-prensa ganha sua feição moderna, industrial, a partir da metade do sé-culo XIX. Entre o jornalismo e a literatura havia em comum, nesses tempos pioneiros da era moderna, o ato da escrita. À medida em que o texto jornalístico evolui da notícia para a reportagem, surge a necessi-dade de aperfeiçoamento das técnicas de tratamento da mensagem.

Jornalismo e literatura podem compartilhar de certas ferramentas e estratégias narra-tivas parecidas, mas seus propósitos e fronteiras são bem diferentes (embora essas fron-teiras às vezes sejam permeáveis). Enquanto que o jornalista tem por objetivo passar um fato da maneira mais objetiva possível, o escritor, por sua vez, pode utilizar da subjetivi-dade ao narrar acontecimentos.

A função referencial é a que predomina no discurso jornalístico. Marques (2009) faz uma ressalva em relação às manchetes, que podem ter sentido conotativo intencional-mente para provocar ambiguidade.

Já na literatura, a função poética ou estética é predominante, tendo o escritor maior liberdade que o jornalista. Mas, como afirma Marques (2009), as funções não são limi-tadas, um mesmo texto pode apresentar mais de uma.

Pode-se dizer que o principal ponto em comum das duas áreas seja a narratividade. Marques (2009) diz que tanto a vivência literária como a jornalística contam uma sequência de eventos que se sucede no tempo. Nos romances, nos contos e nas reportagens são narradas histórias.

Enquanto que a arte literária não tem compromisso com a veracidade, embora possa retratá-la, o jornalismo se restringe ao factual. Por isso, apenas o jornalismo possui credibilidade.

Um jornal é ou deveria ser um espelho da consciência crítica de uma comunidade em determinado espaço de tempo. Um espelho que reflita com nitidez a dimensão aproximada ou real dessa consciência. E que não tema jamais ampliá-la. Pois se não lhe faltarem talento e coragem, refletirá tão-somente uma consciência que de todo ainda não amanheceu. Mas que acabará por amanhecer. (NOBLAT, 2008, p.21)

Ao longo da história, diversos jornalistas já foram escritores e diversos escritores já foram jornalistas. Para Travancas (1998), durante o século XIX, a imprensa brasileira e francesa passaram por uma fase “literária”, onde os jornais deixaram de ser essencialmente políticos e econômicos e se tornaram mais literários e mundanos, tendo participação de escritores em sua produção. A ficção se fez presente nos jornais através

dos folhetins, misturada à realidade da época, exibindo os costumes e características da sociedade, da política e da cultura do momento.

Os folhetins que eram publicados em jornais, mais intensamente na metade do século XIX, foram uma ótima forma de divulgar e propagar a carreira de alguns escritores. Entre esses estão vários consagrados da literatura nacional, como Machado de Assis, José de Alencar, Euclides da Cunha, Almeida Garret, João do Rio, Rubem Braga, Mário Quintana.

(...) é fácil compreender porque muitos escritores encontraram no jornalismo, dessa época pioneira, tanto um eventual meio de subsistência quanto um canal para o aprimoramento e a promoção do talento literário. No caso brasileiro, por exemplo, Machado de Assis começa a vida profissional como aprendiz de tipógrafo e revisor de jornal, enquanto em paralelo vai edificando a carreira de escritor com seus primeiros versos e novelas. (LIMA, 2004)

Também de acordo com Lima (2004), até o começo do século XX, a literatura e a imprensa eram facilmente confundíveis. O aspecto de divulgação, ocasionado pelos folhetins e suplementos, chamava a atenção de vários escritores.

“Mas após o advento do folhetim, a similitude entre jornalismo e literatura acabou se distanciando das páginas dos jornais diários devido à impregnação dos padrões jornalísticos norte-americanos.” (MOTTA, 2011, p.14)

O exemplo mais evidente dessa aproximação entre jornalismo e literatura, de acordo com Almeida (2005), foi a atitude do jornal *O Estado de São Paulo*, nos anos do século XIX, de enviar o escritor literário Euclides da Cunha, para cobrir a revolta de Canudos. Todos os relatos transformaram-se na obra “Os Sertões”, que se tornou um símbolo dessa união de jornalismo e literatura.

Almeida (2005, p.11) também diz que “tanto o discurso jornalístico, quando é levado para o texto ficcional, quanto a ficção, quando é levada para o jornal, constituem construções de discurso, portanto apresentam os anseios do ser humano e podem expressar a realidade e refletir sobre ela”.

A relação entre literatura e jornalismo é bem estreita. Os livros-reportagens foram criados para preencher as lacunas do jornalismo tradicional, permitindo um maior aprofundamento de fatos e temas. Também existem as crônicas, mesclando literatura e jornalismo.

Soster (2013, p.5) define a dialogia como a convergência entre jornalismo e literatura. Ele diz que esse fenômeno

(...) ocorre, por exemplo, quando o jornalismo vai buscar na literatura, por meio de reportagens ou livros-reportagem, o substrato para sua própria manutenção enquanto jornalismo, o mesmo ocorrendo com a literatura. É o que se percebe, a título de ilustração, quando escritores passam a se valer, cada vez mais, de dispositivos como jornais e revista para emprestar sentido e amplitude aos seus relatos, que acabam por se transformar nesta relação. Isso já ocorria desde pelo menos os folhetins, é bem verdade, mas não com a intensidade que se verifica hoje.

Santaella (2005, p.6) diz que as belas artes vão perdendo força, decorrentes das mudanças trazidas pela Revolução Industrial, do desenvolvimento do capitalismo e da emergência de uma cultura urbana, ocorrendo então uma dominação dos meios de comunicação. É neste contexto que surge a convergência do jornalismo e da literatura. Santaella (2005, p. 6) diz que “a impossibilidade de separação entre as comunicações e as artes, uma indissociação que veio crescendo através dos últimos séculos para atingir um ponto culminante na contemporaneidade”. Vale ressaltar que convergir, nesse aspecto, não quer dizer perder suas características próprias, mas sim ocupar territórios comuns.

O novo jornalismo ou *new journalism* surgiu na década de 60, sendo Tom Wolfe e Gay Talese uns de seus principais nomes. A maior característica dessa nova forma de se fazer jornalismo era ter uma relação estreita no modo de narrar com o literário.

A questão de trazer elementos da literatura para o jornalismo é muito positiva. Garcia Márquez e Ernest Hemingway partilhavam da opinião de que as técnicas jornalísticas poderiam melhorar o estilo de alguns escritores. O primeiro até disse que “o ideal seria que a poesia fosse cada vez mais informativa e o jornalismo cada vez mais poético” (apud MOTTA, 2011, p. 14).

2.2 A LITERATURA COMO REFLEXO

A arte pode, além de entreter, refletir todo um contexto social. Já na Grécia Antiga, Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.), em sua obra *Poética*, estabelecia uma conexão entre as artes e a imitação. Para ele, o poeta e o historiador não se diferem por escrever prosa ou verso. O ofício do poeta consiste em narrar o que poderia acontecer, ou seja, fatos que sejam possíveis de acordo com a verossimilhança e a necessidade e o trabalho do

historiador é contar o que já aconteceu. Assim, a poesia refere-se ao universal e a história ao particular. (ARISTÓTELES, 1991, p.256)

A verossimilhança, de acordo com Aristóteles (1991), é a capacidade da narrativa de se assemelhar a realidade, mesmo que seja fantasiosa. Apesar de ficcional, parece verdadeiro e se mantém coerente com a realidade.

Desse modo, Ritter (2010) relaciona a literatura contemporânea ao universal, aquilo que pode acontecer devido aos critérios de verossimilhança e necessidade, e o jornalismo contemporâneo ao particular, que trata do que já ocorreu. Assim como poeta da Grécia Antiga, o ficcionista imita as ações e emoções. Mas isso não impede de serem abordados temas reais na poesia ou nos romances ficcionais. Para Aristóteles (1991), um poeta não é menos poeta por isso.

A literatura sempre buscou, de alguma forma, se associar a sociedade. Não só refletindo seus valores ou males, como também projetando bons comportamentos e hábitos, com a finalidade de emulação por parte dos leitores.

Silva (2005) elabora duas tendências a partir da relação entre literatura e sociedade: a primeira dizendo ser a realidade algo exterior à obra, esta funcionando como um espelho para sociedade; e a segunda na qual a obra se insere dentro do contexto social, constituindo e sendo constituída por este. Ou seja, a literatura não apenas reflete, como também é capaz de moldar.

Através dos personagens e suas ações, o autor pode traduzir o que se passa em sua época e local. Por isso, a literatura pode ser compreendida como um espelho, onde são refletidos os acontecimentos, virtudes e mazelas de uma geração ou/e nação. A situação política, econômica e social é, frequentemente, abordada, tanto com fins de crítica, como fins de exposição apenas.

2.3 A FICÇÃO NO JORNALISMO

A ficção tem ocupado um espaço importante no meio midiático, com a proliferação de jornais, revistas e até programas de televisão com a finalidade de reproduzir fatos do cotidiano de maneira exagerada e absurda ou, simplesmente, inventar. Assim como esse jornal experimental, estes veículos também propõe retratar a ficção, baseando-se no princípio da verossimilhança com a realidade.

Carícia de Oliveira (2011) explica que para que as sátiras feitas por veículos ficcionais sejam entendidas pelo público é necessário um conhecimento prévio do

contexto envolvido na reportagem. Logo, essa área do jornalismo terá um tipo de leitor específico.

Dentro deste âmbito, também é preciso levar em consideração os frequentes episódios em que reportagens inventadas por estes veículos com o objetivo de fazer humor ou sátira foram levados a sério por leitores desavisados e até mesmo por outros veículos, que as reproduziram como verdadeiras sem a devida checagem. A publicação de fatos absurdos com aproximação da realidade suficiente para que se passem por verdadeiros revela a credulidade do público face à quantidade de escândalos e absurdos publicados todos os dias. A frequência com que o grotesco aparece na mídia, com a espetacularização da notícia, provoca uma espécie de banalização do absurdo na sociedade, que se habitua a encarar com normalidade acontecimentos dos mais disparatados. (OLIVEIRA, 2011)

Os personagens envolvidos nessa ficção jornalística geralmente são reais e os textos acompanham o contexto atual. O que muitas vezes confunde a cabeça de alguns leitores é a semelhança do formato com o de periódicos e portais noticiosos, que se comprometem com a verdade. A estruturação das notícias costuma ser a mesma das ditas em manuais de redação. Com essa similaridade, muitas pessoas e até alguns famosos portais confundem-se e acreditam no que é relatado, propagando os textos por aí como reais. Uma característica comum a esses falsos noticiários é a crítica ácida, principalmente sobre assuntos políticos. Através de ironia e sarcasmo, eles trazem à tona o que acontece no Brasil e no mundo. Como exemplos, temos o *Sensacionalista* e a *Piauí*.

O portal *Sensacionalista* se define como um “site de humor com notícias fictícias, baseadas ou não na realidade”. Inspirado no site americano *The Onion* e idealizado por Nelito Fernandes, ex-membro do programa *Casseta e Planeta*, o que começou com um blog na internet se expandiu e foi para a televisão, em 2011, como um programa no Canal Multishow. O programa televisivo segue os padrões tradicionais de um noticiário comum, porém, com reportagens falsas. Os redatores do programa e do portal¹ os mesmos. O sucesso do “Sensacionalista” alcançou enormes proporções, tendo inspirado depois vários outros blogs e portais.

Como representante desse jornalismo que mistura ficção e realidade, também temos a revista *Piauí*, no Brasil. Lançada em 2006, sua proposta é diferenciada e abre espaço para reportagens, ensaios, perfis, crônicas, contos, diários e textos fictícios. Uma

1 <http://www.sensacionalista.com.br/>

das marcas da revista é parodiar acontecimentos que estejam em evidência, sempre com bom humor e irreverência. Os autores recriam a realidade, de maneira absurda, para provocar o riso. Além da revista, há também o blog², versão online do “diário mais elegante do Brasil”, como eles se autodenominam.

3. RELATÓRIO TÉCNICO

3.1 Pré-produção

O projeto foi definido na disciplina COM 390 – Pesquisa da Comunicação, durante o primeiro semestre de 2013. Nela, a preparação para o Trabalho de Conclusão de curso foi iniciada com a elaboração de um pré-projeto. Optei por fazer um jornal experimental, dada a possibilidade de se trabalhar com a prática e ter mais liberdade para criar.

A partir daí, iniciou-se um estudo teórico sobre a relação histórica entre o jornalismo e a literatura; a ficção no jornalismo e a literatura como reflexo da sociedade.

Em reunião com a minha orientadora, decidimos pela divisão do jornal em cinco editorias, com uma notícia cada. O número foi pensado devido ao pouco tempo que havia para a produção e para um melhor desenvolvimento de cada uma delas.

Na editoria de Ciência, ficou estabelecido o livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis; na de Saúde, *A peste*, de Albert Camus; na de Política, *O Processo*, de Franz Kafka; na Policial, *Crime e Castigo*, de Fiódor Dostoiévski e na Social, *O Grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald. Buscou-se a não repetição de autores e a diversificação de origem das obras. Foi também estabelecido para a composição do jornal um editorial, localizado na 2ª página. As editorias foram assim escolhidas para que o jornal ficasse mais diferenciado tematicamente e abrangesse variados interesses.

Escolhidos os livros, o próximo passo foi fazer uma leitura aprofundada de cada um deles, produzindo fichamentos com as informações mais importantes, que comporiam as notícias. Procurei responder as perguntas básicas do jornalismo (Quem? Onde? Por que? Quando?) e, para isso, alguns dados tiveram que ser deduzidos ou inventados.

3.2 Critérios dos livros escolhidos

2 <http://revistapiaui.estadao.com.br/blogs/herald>

O ponto em comum entre todas as obras escolhidas é a perenidade. São livros oriundos de lugares bem diferentes entre si, que refletem a cultura e a sociedade da época e, que ainda hoje, permanecem atuais. São autores consagrados como Fiódor Dostoiévski (1821-1881), Albert Camus (1913-1960), Machado de Assis (1839-1908), F. Scott Fitzgerald (1896 – 1940) e Franz Kafka (1883-1924). Mesmo apesar de várias diferenças, tiveram um aspecto em comum em suas obras: a análise psicológica de seus personagens.

Suas obras permanecem vivas e são facilmente encontradas em bibliotecas, livrarias e, inclusive, como domínio público na internet. Clássico é um conceito difícil de ser definido, mas assim o faz Calvino (2007, p.10) “são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual”.

Embora as histórias dos livros utilizados tenham sido escritas há muitos anos, permanecem atemporais, sobreviveram com o tempo. Trazem consigo, também, marcas da cultura de seu país de origem e da sociedade em que foram produzidos. Calvino (2007, p.11) diz que “clássico é aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível.”

Dentre todos os clássicos, esses livros foram escolhidos por suas temáticas se adequarem as editorias propostas em um jornal.

3.3 Divisão por editorias

O jornal foi dividido em editorias, de acordo com as estabelecidas tradicionalmente por grandes periódicos. Representando a policial, o livro *Crime e Castigo*, de Fiódor Dostoiévski; na editoria saúde, o livro *A peste*, de Albert Camus; na editoria de política, o livro *O Processo*, de Franz Kafka; na editoria Social, *O Grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald e na editoria de Ciência e o livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis. Cada livro foi encaixado em sua editoria, de acordo com a temática e o recorte dado. Essa escolha por editorias foi feita para melhor estruturar a editoração do jornal e para que este se assemelhe mais aos tradicionais noticiários.

As editorias são uma forma de organizar os jornais por tema. Apesar de serem mais usadas em veículos impressos, nos grandes portais online sua utilização também é

recorrente. São exemplos: policial, esporte, cidade, internacional, política, economia, cultura, sociedade, ciência e saúde. As editoriais permitem uma hierarquização das notícias e auxiliam o leitor em sua leitura. Através dessa divisão, ele poderá buscar os assuntos que o interessam de maneira mais fácil e rápida.

3.4 Livros que compõe o projeto

3.4.1 A peste - Albert Camus (1947)

Nascido em 7 de novembro de 1913, em Mondovi, no nordeste da Argélia, Camus foi escritor, jornalista e filósofo. Foi um dos principais nomes do absurdismo - corrente filosófica que dizia ser inútil a busca de um sentido na vida pelo ser humano, pois, segundo ela, não há tal sentido. Ganhou o prêmio Nobel de Literatura em 1957.

Na carreira jornalística, trabalhou no periódico *Combat*, da Resistência Francesa, entre 1944 e 1947. Também esteve na revista *Paris-Soir*, do qual discordava da linha editorial. Na Argélia, trabalhou no *Alger-Républicain* e no *Le Soir-Republicain*. Porém, Camus se encontrou mesmo foi na imprensa alternativa. Ele defendia um jornalismo que ia além do superficial, que informasse bem o leitor e, por isso, critica o modelo jornalístico predominante na França.

Entre as temáticas descritas em suas obras estão a guerra, a fome, doenças e miséria, influências de sua terra natal. Roland Barthes, crítico do escritor, resenhou o livro *A peste* como um registro histórico, uma crônica, um meio termo entre a história e o romance, que metaforiza a situação da França durante a 2ª Guerra Mundial. Em uma carta ao crítico, porém, Camus discorda de sua opinião quanto ao aspecto cronista do livro, mas reconhece que a história seja uma metáfora para a resistência ao nazismo:

A Peste, que gostaria que fosse lida de várias perspectivas, tem por conteúdo evidente a luta da resistência européia contra o nazismo. A prova disso está no fato de que, sem que o inimigo seja nomeado, todo mundo soube reconhecê-lo, e em todos os países da Europa. Acrescentemos que um longo trecho d'A Peste foi publicado sob a Ocupação num volume de combate e que essa circunstância bastaria por si só para justificar a transposição que adotei. Em certo sentido, A Peste é mais do que uma crônica da resistência; em todo caso, não é menos que isso. (CAMUS, 1955)³

3 Disponível em <http://revistapandorabrasil.com/camus/cartacamus.htm>

A importância de Albert Camus tanto para o jornalismo como para a literatura é notável. Questões relacionadas à moral e política constavam em ambos. Suas carreiras estavam interligadas não só pela palavra, mas pela devoção e temas adotados.

A peste é uma das grandes obras do existencialismo, publicada em 1947 e escrita por Albert Camus. A história se passa na cidade de Oran, na Argélia. Uma peste assola a cidade, deixando-a em estado de sítio e isolando a população do resto do mundo.

Em uma certa manhã, o médico da cidade, Bernard Rieux, encontra um rato morto. Depois, mais ratos aparecem e as mortes se estendem a cães e gatos. As coisas saem do controle e a doença começa a afetar a população. Os portões da cidade então se fecham, impedindo a entrada e saída de qualquer pessoa.

A trama gira em torno do sofrimento da contaminação e dos efeitos causados pela separação e isolamento que os habitantes são obrigados a vivenciar. A epidemia chega a um estado em que há tantos mortos que não há mais lugar para enterrá-los, durante o verão.

Albert Camus não relata apenas uma peste que devasta uma cidade. Ele explora cada personagem, trazendo suas características à tona e nos fazendo ter contato com cada um de maneira aprofundada. A peste desaparece assim como surgiu, inexplicavelmente.

Na época em que o livro foi publicado, a 2ª Guerra Mundial tinha recentemente terminado e, durante ela, a França tinha sido ocupada pelos alemães nazistas (1940-1944). Assim como a França na Guerra, a cidade de Oran demora a aceitar o perigo que a envolvia. Por isso, a história é considerada como uma alegoria aos horrores da guerra.

3.4.2 Crime e Castigo - Fiódor Dostoiévski (1866)

O escritor russo Fiodor Dostoiévski, nascido no ano de 1821, em Moscovo, foi um dos principais expoentes do existencialismo. Suas obras são compostas de temáticas densas e análise psicológica dos personagens. Dostoiévski esteve preso na Sibéria, o que influenciou seu modo de ver a vida e de escrever. Pobreza e miséria são elementos constantes em seus escritos literários.

O escritor não dedicou sua vida apenas à literatura, teve uma grande influência no jornalismo também. Sua produção jornalística está reunida em *Diário de um escritor*. Além de escrever, ele também editava o material que produzia, um feito inédito para a época. Com o irmão Mikhail, produziu o jornal *Tempo*, de 1861 a 1863. Entre 1864 e

1865, fundou outro jornal, *Época*. Mais tarde, assumiu o cargo de editor chefe no jornal *Cidadão*. Lá, escrevia a coluna *Diário de um escritor*, nome homônimo ao do periódico que viria a lançar mais tarde e seria o responsável pela propagação do seu nome no meio jornalístico russo.

O livro *Crime e Castigo*, escrito por Fiódor Dostoiévski e publicado em 1866, é uma análise psicológica do personagem principal Rodion Românovitch Raskólnikov, estudante que vive na miséria em um cubículo. O autor nos mostra os conflitos internos do protagonista após o crime que cometeu - o assassinato da agiota Lisavieta Ivanovna, premeditado por ele, e da irmã da agiota, que é morta por estar no lugar e hora errados.

Junto com o assassinato, ele furta algumas joias da casa, mas não obtém dinheiro com elas, pois as deixa debaixo de uma pedra. Os pensamentos de Raskólnikov nos são expostos durante todo o livro e sua angústia é demonstrada nos mínimos detalhes. Dostoiévski, o autor, já havia sido preso e, por isso, muitos consideram o personagem como um alter-ego seu.

Atormentado e perseguido por seus próprios pensamentos e incentivado por Sônia, prostituta por quem se apaixona, Raskólnikov se entrega para a polícia. Como seu passado era limpo e tinha se entregado por conta própria, revelando seu arrependimento, a pena é reduzida para oito anos, que são cumpridos em uma prisão na Sibéria.

3.4.3 O Processo - Franz Kafka

O escritor Franz Kafka nasceu em Praga e tinha o fantástico como gênero de suas obras, descrevendo situações inverossímeis. Mas mesmo nos absurdos e exageros que Kafka fazia uso, havia algo de real, que tão incrustrados na sociedade, passam despercebidos.

Kafka morreu de tuberculose em 1924, com 41 anos. Seus escritos foram publicados postumamente, em sua maioria. Muito do que foi descrito em suas obras se tornou parte do real em alguns estados totalitários da Europa, como o aparelho burocrático descrito em *O Processo*. Apesar de seu sucesso ter alcançado grandes proporções apenas depois de morto, em vida, suas publicações fizeram fama dentro de um círculo pequeno de intelectuais. Kafka lutava para encontrar significado dentro de um mundo sem sentido e isso se refletia em suas obras.

O Processo foi escrito entre 1914 e 1915, enquanto Kafka trabalhava como funcionário em um Instituto de Seguros de Acidentes de Trabalho. Podemos ver o livro como uma sátira à burocracia Austro-Húngara ou como uma alusão aos horrores psicológicos causados por regimes totalitários que, entretanto, Kafka não viveu para ver.

Publicado em 1925, *O processo* conta a história do bancário Josef K., que, na manhã em que completa 30 anos, é acusado de um crime e submetido a um processo, do qual ele ignora o motivo. Ele tinha um cargo de grande notoriedade em um famoso banco e era um funcionário exemplar.

No princípio, K. pensou ser uma brincadeira de seus colegas de trabalho. Quando foi convocado para um interrogatório, viu uma oportunidade de se esclarecer, porém só se viu mais imerso e perdido. Até mesmo os guardas e o inspetor desconheciam os motivos de seu processo. Todos lhe tratavam de maneira grossa e rude.

Josef K. segue, inutilmente, tentando desvendar a razão de estar sendo preso e quem o teria denunciado. Contrata um advogado que não dá atenção ao seu caso e tem que dispensá-lo. Seu processo era apenas mais um dentre muitos e o poder judiciário não dava atenção às suas súplicas.

A narrativa densa conduz o leitor a refletir sobre o absurdo da situação. Assim como o personagem principal, você também não sabe o que fazer ou o que pensar. Assim como na época, agora também há vários Josef K. espalhados por aí que são condenados arbitrariamente por autoridades que operam acima das leis.

A editoria escolhida para a obra foi a de política. Dado o contexto do autor, Franz Kafka, que morava na Tchecoslováquia, onde imperava um estado autoritário, podemos constatar uma veemente crítica ao sistema judiciário.

3.4.4 Memórias Póstumas de Brás Cubas - Machado de Assis

Um dos grandes nomes da literatura nacional, Machado de Assis escreveu livros que são reconhecidas até hoje como obras primas. A ironia era um traço frequente em seus textos. Machado também seguiu carreira jornalística, além da literária. Suas crônicas misturavam ficção e realidade, o que era bastante inovador para a época.

O jornalismo atual não visa educar o leitor, mas foi graças a essa cultura da leitura inspirada por Machado que a predominante comunicação oral abriu espaço para um periódico escrito. Suas crônicas também suavizaram a transição da leitura de livros – literatura – para a leitura de

textos jornalísticos. Era uma escrita literária com temas atuais (na época) e reais, de relevância para a vida cotidiana da população. (OLSEN, 2008)⁴

Memórias Póstumas de Brás Cubas foi escrito por Machado de Assis e publicado como folhetim, em 1880, pela *Revista Brasileira*, e como livro no ano seguinte. Sua narrativa não linear e o modo como o personagem principal é apresentado no início do livro, já morto, chamaram a atenção na época.

A narração já inicia com o defunto-autor Brás Cubas anunciando sua morte, que havia sido causada por uma pneumonia. O narrador tinha uma ideia revolucionária, que acabou virando uma obsessão: um medicamento sublime, um emplasto anti-hipocondríaco, denominado Emplasto Brás Cubas. Seu real desejo era ver seu nome famoso, escrito nas caixas do Emplasto e em campanhas publicitárias, embora diante das autoridades alegasse a vinculação do produto a fins cristãos.

Ao longo da obra, Brás Cubas revela detalhes de sua vida, como sua origem de uma família rica, ter tido uma infância mimada e arqueira, a paixão na adolescência por Marcela e sua ida à Europa para estudar Direito. Acaba tendo que regressar devido à morte inesperada de sua mãe e seu pai tenta lhe arranjar um casamento com Virgília. Porém, esta acaba preferindo outro como marido, o que deixa Brás Cubas numa luta pela herança do pai.

No final, Brás Cubas não consegue se casar, não lança o emplasto, seu desempenho como deputado é ruim e não tem filhos. O que permanece do defunto narrador são as não realizações.

A obra pode ser considerada uma representação da elite brasileira do século XIX, contexto no qual Brás Cubas é inserido.

(...) nessa narrativa de além-túmulo entram desde os acontecimentos da conjuntura nacional às minúcias do cotidiano. Os reflexos da queda de Napoleão Bonaparte, o período regencial, as dissensões políticas, a problemática da escravidão, a marginalização e miséria das camadas populares são fatos que se entrecruzam com as vivências íntimas do personagem, suas frustrações políticas e amores secretos. (VELLOSO, 1988, p.21)

3.4.5 O Grande Gatsby – Francis Scott Fitzgerald (1925)

4 Disponível em <http://primeirapautadigital.wordpress.com/2008/10/14/o-machado-jornalista/>

Representante da literatura norte-americana no projeto, F. Scott Fitzgerald (1896-1940) nasceu em St. Paul, nos Estados Unidos. Suas obras souberam refletir bem o espírito da época, “a era do jazz”. Tema frequentemente evocado por ele era a vida na alta sociedade, da qual além de pertencer, possuía certo fascínio.

O Grande Gatsby pode ser considerado uma espécie de crônica dos anos 20. A economia norte-americana estava em crescimento e a nação comemorava a prosperidade que reinava com dispendiosos gastos. Apesar de vigorar a Lei Seca (1920-1933) – que proibia a produção, transporte e comercialização de bebidas alcóolicas – o consumo de álcool era grande, graças aos contrabandistas e aos bares e festas clandestinos. O conservadorismo de antes dava lugar a opulência e ostentação.

A mais famosa obra de Fitzgerald surge nesse contexto. A história de amor entre Jay Gatsby e Daisy Buchanan acontece no período pós-primeira Guerra Mundial, também conhecido como a *era do jazz*. O desejo de reconstruir o país e superar as perdas ocasionadas pela Guerra era tomado pela população.

O narrador é Nick Carraway, vizinho do personagem que dá nome ao livro e primo de seu grande amor, Daisy Buchanan. O grande Gatsby, como também é conhecido Jay Gatsby, é um homem cercado de mistério que organiza festas enormes em sua mansão.

Gatsby é figura rodeada de segredos. Sua ascensão à riqueza provoca comentários sobre suas possíveis profissões. O motivo pelo qual se mudou para Long Island e dá tantas festas é a tentativa de reencontrar sua antiga amada, Daisy. Porém, esta se encontra casada com Tom Buchanan.

Gatsby convida Nick a uma de suas festas e nela revela o desejo de se encontrar com Daisy, a prima de Nick. Gatsby e Daisy se reencontram vários outros encontros se seguem, culminando com um acontecimento derradeiro.

Por detrás dessa história de amor, Fitzgerald faz uma análise do período e dos valores expostos na obra. Os personagens são, em sua maioria, alpinistas sociais - protagonistas do *sonho americano* - desejando ascender, a qualquer custo.

3.5 Produção

O processo de produção foi o mais longo e difícil. A adaptação de longas histórias - com a predominância da subjetividade – em notícias sucintas foi árduo. Algumas alterações tiveram de ser feitas para que as histórias se encaixassem no

formato noticioso. Nessa fase, as notícias começaram a ser produzidas, com as informações previamente selecionadas. Releituras de partes dos livros tiveram de ser feitas, para um acréscimo de informações.

O enfoque dado para o livro *Crime e Castigo* foi o crime cometido por Raskolnikov, logo no início. Como grande parte da obra se concentra em examinar as ideias e o psicológico do personagem, optou-se por criar uma entrevista com ele. Assim, poderiam ser expressas suas opiniões e mostrar o que pensava o assassino, assim como Dostoiévski quis fazer com seus leitores.

No livro *A Peste*, o foco foi a doença que transformou a cidade de Oran, reduzindo a população e fazendo dos poucos cidadãos prisioneiros no estado de sítio.

O recorte da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* foi o emplasto idealizado pelo personagem Brás Cubas. Nessa notícia, alguns dados numéricos foram introduzidos para se dar mais credibilidade, já que ela se encontra na editoria de Ciência.

Em *O Processo*, a notícia se moldou no enredo central do livro, o processo sem provas, argumentos e acusações, sofrido por Joseph K.

Apesar de *O Grande Gatsby* girar em torno de uma história de amor, o foco dado foi nas festas dadas pelo ex oficial da marinha e milionário Jay Gatsby.

No total, foram produzidas cinco notícias e um editorial falando sobre a proposta do jornal. Ainda nessa fase, algumas imagens que viriam a ilustrá-lo foram selecionadas.

3.6 Pós-Produção

A diagramação do jornal foi feita com o programa *Indesign*, no formato 20X25cm, contabilizando no total oito páginas. Como o número de matérias (cinco) era pequeno, tive bastante espaço para as imagens, o que deu um diferencial para o jornal.

Para as ilustrações, ficou estabelecido o uso de pinturas e desenhos, por se adequar a proposta do jornal e permitir um estilo mais livre distanciando dos periódicos tradicionais. Na segunda página, junto com o editorial, foi usada *The Novel Reader* (1888), do Van Gogh. Na terceira, uma ilustração de Robert Thom, chamada *Pasteur: The Chemist who Transformed Medicine* (1950), acompanha a matéria do Emplasto Brás Cubas. Amy Coyle, com ilustração sem título, é a artista da notícia de Crime e Castigo, páginas 4 e 5. *The Jury* (1861), por John Morgan, ilustra a página 6, que

contém a notícia sobre o processo de Josph K. Na matéria da Peste, página 7, a imagem é de Pieter Bruegel, *The Triumph of The Death* (1562). Amy coyle, com ilustração sem título, é a artista da notícia de Crime e Castigo, páginas 4 e 5. E na página 8, imagem de Beatrijs Brouwer, sem título.

Para fonte do texto das notícias foi usada *Libertine*, tamanho 12,5, e para os títulos Mission Ghotic, variando de tamanho conforme a notícia.

O formato menor foi escolhido porque facilita o manuseio e permite uma leitura mais agradável. Fora o fato de que esse tipo de formato pode ser impresso em gráficas de pequeno porte e gráficas rápidas (de impressão digital), além de ter um custo menor que o Standard.

O papel escolhido para impressão foi o papel ofício, por ser o único disponível para o tamanho desejado. As imagens ficaram bem fortes e a impressão, de maneira geral, atendeu a todas as expectativas.

4. CRONOGRAMA

	Set/13	Out/13	Nov/13	Dez/13	Jan/14	Fev/14
Leituras teóricas						
Reuniões para orientação						
Elaboração do memorial						
Produção das notícias						
Diagramação						
Revisão						
Impressão em gráfica						
Defesa						

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer este projeto foi um extenso desafio. Demandou leituras minuciosas - em busca do máximo de informações e dados para a composição das notícias do jornal – e cautela, ao lidar com obras consagradas do gênero literário.

O jornalista usa do método da entrevista para investigar e descobrir mais sobre alguém ou um fato. Minhas fontes eram os personagens e os narradores, mas não havia um modo de entrevistá-los. Portanto, tudo que era conhecido por mim eram as informações dispostas nas páginas dos cinco livros. As “entrevistas” tinham que ser retiradas das narrativas. A principal restrição foi tentar obter todas as respostas que são fundamentais a escrita de uma notícia nas obras escolhidas.

Dos cinco autores, três tiveram relação com o jornalismo. Todos eles são oriundos de países diferentes, culturas diferentes, sociedades diferentes. E, entretanto, vários pontos em comum existem em suas obras.

As notícias são fictícias, mas não distantes da realidade. Apesar de um ou outro aspecto mais fantasioso, poderiam constar em jornais tradicionais, pois assim como na ficção, o absurdo também rodeia o mundo real.

Um dos modos de se entender uma nação é conhecendo sua literatura. Através dela, podemos descobrir vários aspectos políticos, econômicos e sociais do local. Pude perceber no projeto que muito do que foi descrito nos livros tem relação tanto com a vida do autor, como com os seus respectivos países.

Foi de grande aprendizagem estudar mais sobre o gênero da Literatura e o do Jornalismo, juntamente com suas possibilidades de entrelaçamento. Ter esse conhecimento teórico foi bastante válido na etapa de produção do projeto.

Meu primeiro contato com as obras tinha sido apenas com fins de entretenimento. Retomá-las com o objetivo de fazer o projeto foi uma tarefa que, apesar de complicada, se mostrou bastante interessante. Vê-las com um olhar jornalístico me fez ter uma nova percepção de cada uma.

Minha intenção não foi diminuir o valor literário das obras escolhidas, mas prestar uma homenagem. Acredito que todos os objetivos propostos foram cumpridos, resultando num trabalho que pode ter utilização posterior na área, como suplemento em uma revista literária ou um projeto de incentivo aos clássicos. Espero ter despertado a curiosidade sobre os livros abordados e estimulado suas leituras.

6. Referencias Bibliográficas

ALMEIDA, Edwrigens A. R. L. **A literatura no jornal, o jornal na literatura – a escrita de Manuel Antônio de Almeida e de Lima Barreto.** 2005

Aristóteles. **Ética a Nicômaco; Poética/Aristóteles ; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha.** 4. ed. São Paulo : Nova Cultural, 1991. — (Os pensadores ; v. 2)

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência.** São Paulo: Ática, 2007.

CAIRUS, Henrique. O lugar dos clássicos hoje: o super-cânone e seus desdobramentos no Brasil.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos.** 1981

CAMUS, Albert. **A peste.** Rio de Janeiro: Record, 2009.

CAMUS, Albert. Carta a Roland Barthes. Disponível em: <<http://revistapandorabrasil.com/camus/cartacamus.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

CASTRO, Gustavo de & GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura, a sedução da palavra.** 2002

COSTA, Cristiane. **“Ficção e jornalismo se imitam”.** In: Jornal do Brasil, Caderno de Idéias. Rio de Janeiro, 2002

DE ASSIS, Machado. **Memórias póstumas de Brás Cubas.** Atelie Editorial, 1998.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e Castigo.** São Paulo: Editora 34, 2001.

FITZGERALD, F. Scott. **O grande Gatsby.** L&PM Pocket. 2011

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária.** São Paulo: Editora Ática S.A, 1994.

KAFKA, Franz. **O Processo.** São Paulo: Martin Claret, 2009.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário.** Ensaios. Rio de Janeiro:Agir, vol.8, 1960.

LIMA, Edvaldo Pereira. Páginas ampliadas. **O Livro-Reportagem Como Extensão do jornalismo e da literatura.** 2004

MARQUES, Fabrício. **Jornalismo e literatura: modos de dizer.** 2009

Mazini, André. **Registro, ficção e informação: a narrativa como representação da história, da literatura e do jornalismo.** Comunicação & Mercado 1.3 2012

MOTTA, Evandro V. **Confluências entre jornalismo e literatura na obra de Gabriel García Márquez.** 2011

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário.** 7. ed., 2ª reimpressão. — São Paulo : Contexto, 2008. (Coleção comunicação)

OLIVEIRA, Carícia. **Isentos de verdade: A nova sátira dos jornais de mentira.** 2011

OLSEN, Ariane. **O Machado Jornalista.** 2008. Disponível em: <<http://primeirapautadigital.wordpress.com/2008/10/14/o-machado-jornalista/>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

REBELO, José. **O discurso do jornal.** Lisboa: Editorial Notícias. Coleção Media & Sociedade.

RITTER, Eduardo. **Jornalismo e literatura: a tribo jornalística de Erico Verissimo.** Porto Alegre, 2010.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São paulo: Paulus, 2005.

SILVA, Luciana. **Literatura e sociedade: da teoria do Reflexo à construção discursiva de identidades sociais.** Revista da Pós-Graduação em Letras - UFPB João Pessoa, Vol 7., N. 2/1, 2005 – p. 141-146

SOSTER, Demétrio de A. Reconfigurações Narrativas no jornalismo e na literatura. **Revista Brasileira de ensino de jornalismo.** 2013

TRAVANCAS, Isabel S. **O livro no jornal.** Rio de Janeiro: Instituto de Letras/UERJ, 1998. Tese de doutorado

VELLOSO, Mônica P. **A Literatura como Espelho da Nação**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1988